



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**O BONDE NA LITERATURA SERGIPANA:
UMA ANTOLOGIA**

JOCELINA SANTOS DA SILVA

São Cristóvão

Abril de 2017

JOCELINA SANTOS DA SILVA

**O BONDE NA LITERATURA SERGIPANA:
UMA ANTOLOGIA**

Monografia apresentada à disciplina Prática de Pesquisa, ministrada pelo Prof. Dr. Francisco José Alves dos Santos, do Departamento de História, do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe, no semestre de 2016.02.

São Cristóvão

Abril de 2017

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me sustentado e me dado forças para concluir este trabalho.

À minha mãe, Josefa Olga Santos Silva, e aos irmãos, Antônia Maria da Silva Neta, Jônatas dos Santos Silva, Elias Isídio Santos da Silva e Antônio Fernando do Nascimento Filho, *in memoriam*, pela força e incentivo desde o início.

Aos amigos que estiveram sempre comigo na caminhada, fortalecendo a amizade e desculpando minhas faltas; aos demais colegas que fiz durante este e outros cursos; e aos amigos que vou levar para além das paredes da universidade.

Ao meu namorado, Alexsandro Alves de Carvalho Filho, pelo carinho, apoio, companheirismo e enorme força quando eu mais precisava, sempre me animando nos momentos difíceis.

Ao grupo teatral Expressões do Espírito, pelo apoio, compreensão pelas minhas faltas nos ensaios e ao esforço para me manter em algumas apresentações.

Ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, pela força e apoio. E as pessoas que convivi e que aprendi amar, Fernanda Santos, professor Samuel Albuquerque, Leonice Pereira, Aline Cruz, Nayara Santos, professora Lorena Campello, João Carlos, professor Ibarê Dantas, professora Beatriz Dantas, e aos demais saudosos colegas pela atenção.

A Ana Maria Fonseca Medina, pela ajuda em conseguir alguns contatos para realização deste trabalho.

A Murilo Mellins, pela atenção e ajuda ao me passar algumas informações para o desenvolvimento deste trabalho.

Eternamente agradecida ao meu orientador, professor dr. Francisco José Alves, que se dispôs a me orientar e me guiar, com paciência e dedicação, da melhor forma possível no desenvolvimento deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho compila documentos sobre o bonde em Aracaju na primeira metade do século XX. Consiste em uma introdução e na transcrição dos textos. Reune doze documentos que registram os bondes aracajuanos durante este período. Esta compilação é composta por três poemas retirados do jornal “Sergipe – Jornal” e do livro “Motivos de Aracaju”; uma crônica retirada do jornal “Sergipe – Jornal”; um monólogo extraído do jornal “O Espião”; um capítulo de memória do livro “Um menino sergipano”; três capítulos de romance “Os Corumbas”; dois capítulos do livro “Roteiro de Aracaju”; e dois capítulos do livro “Aracaju que vi e vivi”.

PALAVRAS-CHAVE: Aracaju (séc. XX); bondes; fontes históricas.

Sumário

AGRADECIMENTOS	1
RESUMO.....	2
INTRODUÇÃO	5
A ANTOLOGIA.....	10
DOCUMENTO 1: NO BOND	11
DOCUMENTO 2: PIPAROTES	13
DOCUMENTO 3: OS CORUMBAS	14
DOCUMENTO 4: OS BONDINHOS	17
DOCUMENTO 5: O BONDE.....	20
DOCUMENTO 6: CRÔNICA.....	22
DOCUMENTO 7: O ÚLTIMO BONDE.....	23
DOCUMENTO 8: ROTEIRO DE ARACAJU	24
DOCUMENTO 9: ARACAJU ROMÂNTICA QUE VI E VIVI	27

INTRODUÇÃO

Este TCC consiste em uma reunião de alguns textos literários sobre o bonde em Aracaju. É composta de doze documentos assim distribuídos: duas poesias, um poema, um monólogo, uma crônica, três páginas de memória e dois capítulos de romances.

O material aqui reunido tem procedência diversa. O poema, o monólogo e a crônica foram extraídos de jornais, cujos originais pertencem ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE). Já as páginas de memória foram extraídas da obra *Aracaju romântica que vi e vivi*, de Murillo Mellins (1928-), e do livro *Roteiro de Aracaju*, de Mário Cabral (1914-2009). Os capítulos de romance foram extraídos de *Os Corumbas*, de Amando Fontes (1899-1967). A poesia extraída da obra *Motivos de Aracaju*, de Jacintho de Figueiredo (1911-1999).

Além dos nomes já mencionados acima, também constam entre os autores do material aqui editado Rodrigues Vianna (? -?), Bonifácio Fortes (1926-2004) e Genolino Amado (1902-1989).

Vejamos alguns informes biográficos sobre alguns desses autores.

O primeiro deles é Jacintho de Figueiredo, autor dos poemas “Crônica” e “O Último Bonde”, reproduzidos nesta antologia. Nasceu no dia 11 de julho de 1906, em Aracaju. Era filho do professor Luís de Figueiredo Martins e de Regina Jorge de Figueiredo. Estudou o ginásio no Colégio Salesiano, finalizando os estudos em 1934. Concluindo o ensino médio, trabalhou como fiscal de tributo no Instituto do Açúcar e Alcool. Homem idealista, em 1943 ingressou no movimento integralista, ocupando cargos de importância no partido. Durante o Estado Novo, foi preso e perseguido. Jacintho de Figueiredo colaborou em todos os jornais da capital e em revistas de diversos estados brasileiros. Foi, ainda, membro da Academia Sergipana de Letras. Figueiredo e escreveu *Motivos de Aracaju* (1961), entre outros poemas. Faleceu em Aracaju, à 20 de julho de 1999¹.

Bonifácio Fortes, autor da crônica “Os Bondinhos”, é o segundo desses autores. Ele nasceu em Aracaju, em 26 de abril de 1926. Era filho de Arício Guimarães Fortes e Saudalina Guimarães Fortes. Com cinco anos de idade começou os estudos no Jardim de

¹ MACHADO, Manoel Cabral. Brava gente sergipana e outros bravos. Aracaju: Projeto Gráfico 1998; p. 177-179; GARCEZ, José Augusto. Biografia [de Jacintho de Figueiredo]. Em: FIGUEIREDO, Jacintho. *Motivos de Aracaju*. Aracaju: J. Andrade, 1961; s.p.

Infância Maynard Gomes. Aos dez anos ingressou no Colégio Tobias Barreto e em 1943, aos dezessete anos, matricula-se no Atheneu Sergipense. Em 1948, mediante concurso público de suficiência, tornou-se professor de História do Brasil do Colégio Tobias Barreto. Em 1950 obteve o título de bacharel em direito pela Faculdade de Direito da Bahia. Depois disso, atuou na imprensa sergipana como redator, colunista, repórter e colaborador dos jornais “O Nordeste”, “Folha da Manhã”, “Correio de Aracaju”, “Sergipe Jornal”, “Diário de Sergipe”, “A Cruzada”, “Gazeta Socialista” (depois Gazeta de Sergipe). Exerceu cargo de Promotor Público substituto em Gararu (1949) e Neópolis (1949-1951). Na área do magistério, Bonifácio Fortes lecionou História do Brasil no Colégio Tobias Barreto (1947 e 1952-1953), na Escola Normal (1948, e 1952-54) e no Colégio Jackson de Figueiredo (1952-53). Foi professor fundador da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe na cadeira de Estética. Bonifácio Fortes escreveu: *Noções de cinema* (1953); *Evolução da Paisagem Humana na Cidade de Aracaju* (1995); *Bibliografia da Geografia de Sergipe* (1966). Além disso, Bonifácio Fortes publicou artigos na *Revista da Faculdade Católica de Sergipe*, na *Revista da Faculdade de Direito de Sergipe*².

O próximo autor que consideraremos é Genolino Amado, o autor da crônica aqui reproduzida “O bonde”. Este autor foi jornalista e cronista. Nasceu em Itaporanga, no dia 03 de agosto de 1902. Iniciou os estudos em sua cidade natal e cursou humanidades no Colégio Carneiro, em Salvador. Com dezessete anos ingressa na Faculdade de Direito da Bahia completando o curso de bacharelado no Rio de Janeiro, em 1924. Depois de formado vai para São Paulo, onde trabalha como redator do Correio Paulistano. Em 1928 é nomeado chefe da Censura Teatral e Cinematográfica, cargo do qual é deposto pela revolução de 1930. Esse fato fez com que Genolino retornasse ao jornalismo, escrevendo para os “Diários Associados” e dirigindo o “Suplemento Literário do Diário de São Paulo”. Ao mesmo tempo, trabalha na emissora Record. Ao voltar para o Rio, em 1933, tornou-se redator-editorialista de “O Jornal”. Nessa época, foi, também, nomeado professor do curso secundário da então prefeitura do Distrito Federal. Na carreira acadêmica, ele estendeu-se ao nível superior, como professor do curso de jornalismo na Faculdade Nacional de Filosofia. Exerceu também cargo de Diretor da Agência Nacional, no governo de Getúlio Vargas. Em seguida foi nomeado como Procurador do Estado da

² Faleceu em 2004. RIBEIRO, Wagner. José Bonifácio Fortes Neto. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Aracaju: n°34, 2003. DANTAS, Ibarê. Bonifácio Fortes, Pioneiro nos Estudos de Ciência Política em Sergipe.

Guanabara. Em 1937 entra na Academia Brasileira de Letras. Genolino Amado escreveu: *Vozes do Mundo* (1937); *Um Olhar Sobre a Vida*, (1939); *O Pássaro Perdido* (1948); *Um Menino Sergipano* (1977); e as peças *Avatar* e *Dona do Mundo* (1971). Faleceu no Rio de Janeiro, em 04 de março de 1989³.

Amando Fontes também está entre os autores dos textos aqui reunidos. Dele, reproduzimos os capítulos 32, 34 e 35 do seu famoso romance, *Os Corumbas*. Nasceu na cidade de Santos (SP), no dia 15 de maio de 1899. De família sergipana, muda-se para Sergipe com cinco anos de idade. Em 1909, ingressa no Atheneu Sergipense. Tornou-se revisor do Diário da Manhã em 1914, e, em 1919, entrou para a Escola de Medicina, no Rio de Janeiro. Contudo, não termina o curso. Em 1922, tornou-se agente fiscal do imposto de consumo do Ministério da Fazenda, através de concurso público, em Salvador. Em 1928, bacharelou-se em Direito na Faculdade de Direito da Bahia. Elegeu-se deputado federal por Sergipe para a legislatura entre os anos de 1935 a 1937. Após a reconstituição do país, elegeu-se novamente em dezembro de 1945, exercendo o cargo de deputado até 1955, com uma segunda reeleição. Aos dezoito anos já possuía um grande conhecimento literário, destacando-se com seus “romances sociais” que mostram problemas das classes desfavorecidas. Amando Fontes escreveu: *Os Corumbas* (1933) e *Rua Siriri* (1937). Faleceu em 01 de dezembro de 1967⁴.

O quinto autor de quem trataremos é Mário de Araújo Cabral, autor dos textos “Os Transportes” e “Os Bairros”, ambos capítulos de *Roteiro de Aracaju*. Nasceu em Aracaju, no dia 26 de março de 1914. Iniciou os estudos no Colégio Tobias Barreto, aos 12 anos de idade. Torna-se aluno interno do Colégio Antônio Vieira em Salvador (BA). Em 1928 volta para Aracaju, onde se matricula no tradicional Atheneu Pedro II. Concluiu seus estudos secundários em 1932. Em 1933, iniciou o bacharelado na Faculdade de Direito da Bahia e se forma no ano de 1937. No ano de 1936, enquanto estudava o quarto ano de direito, ocupou o cargo de promotor público em Itabaianinha. Em 1941 é admitido na Academia Sergipana de Letras. Mário Cabral foi poeta, memorialista, jornalista e advogado. Escreveu: *Roteiro de Aracaju* (1948); *Evolução do Romance* (1956); *Caminho*

³ AMADO, Genolino. Um menino sergipano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 7-9; ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia [de Genolino Amado] Disponível em: www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm%3f3sid%3D304/biografia Acesso em abril de 2017.

⁴ OLIVEIRA, Alan. Amando Fontes: um mestre nos romances sociais. Disponível em: <http://literaturasergipana.blogspot.com.br/2013/09/amando-fontes-um-mestre-nos-romances.html> Acesso em abril de 2017; FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Amando Fontes. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fontes-amando> Acesso em abril de 2017.

da Solidão (1962); *Espelho do Tempo* (1973); e *Confissão* (1974). Faleceu em Salvador no dia 02 de abril de 2009⁵.

Murillo Mellins é o sexto e último autor a ser considerado nesta introdução. Dele, reproduzimos os capítulos “Bondes” e “De Bonde para o Bairro Industrial” de seu livro de memórias *Aracaju romântica que vi e vivi*. Nasceu em Neópolis em 22 de outubro de 1928. Começou os estudos em sua cidade natal, no Grupo Escolar Olímpio Campos no ano de 1933. Em 1941, ingressou no colégio Tobias Barreto. Mellins trabalhou nos Correios e Telégrafos entre os anos de 1955 e 1968, na Prefeitura de Aracaju, entre 1977 e 1999 e, após sua aposentadoria, em 1999, trabalhou na Acessória Tributária da Unit até 2010. Atualmente vive escrevendo a história sergipana em seus livros de memória. Escreveu: *Aracaju Romântica que vi e vivi* (2007) e *Aracaju Pitoresco e Lendário* (2016)⁶.

Essa reunião de textos literários sobre o bonde em Aracaju tem duas justificativas básicas. A primeira é disponibilizar, aos pesquisadores, informações que sirvam de base para pesquisa histórica sobre o bonde em Aracaju.

Outra razão é oferecer ao leitor comum a oportunidade de um “passeio” pela Aracaju do início do século XX através do contato com fontes de época.

Alguns temas podem ser estudados a partir do material aqui reunido. Um deles é os tipos de bonde que circularam em Aracaju, suas transformações e seus problemas. Outro tema possível de ser pesquisado com o material é o aparecimento das lotações e dos ônibus. As fontes aqui reunidas permitem, ainda pesquisar, as condições de trabalho daqueles que operavam os bondes: motorneiros, condutores e limpadores de trilho. O material também viabiliza investigações sobre o desenvolvimento e a urbanização da capital sergipana. Outro tema possível de ser pesquisado nos textos aqui reunidos é a antiga toponímia de bairros e ruas de Aracaju. O cotidiano dos aracajuanos na primeira metade do novecentos é outro tema possível de ser explorado a partir do material aqui

⁵ MEDINA, Ana Maria F. **Mário Cabral: Vida e Obra**. Aracaju; Gráfica Editora J. Andrade, 2010.

⁶ ANDRADE, Adailton dos Santos. Praça Fausto Cardoso e suas histórias na memória de Murilo Mellins. Disponível em: <https://fontesdahistoriadesergipe.blogspot.com.br/2011/12/historia-de-aracaju-3.html> Acesso em abril de 2017; Dados obtidos através de entrevista com o autor realizada dia 24 de abril de 2017.

compilado. Por fim, as mudanças ortográficas sofridas pela língua portuguesa também podem ser pesquisadas tomando como base os documentos aqui reunidos.

Alguns aspectos são notáveis no material aqui coligido. Um deles é a forma sentimental como os autores retratam o bonde em Aracaju. Como exemplo desse tratamento emotivo do bonde, temos nessa coleção os textos de Bonifácio Fortes e de Genolino Amado (documentos 4 e 5). Outra é a manifesta nostalgia que o bonde deixou nos autores dos testemunhos aqui reunidos. É o caso de Murillo Mellins. Ele escreve “Quando desativaram os bondes e tiraram seus trilhos, a cidade ficou mais triste. As ruas por onde outrora passavam aquelas paralelas de ferro brilhando à luz do sol, viam agora seus leitos rasgados e sem brilho, deixando apenas boa recordação daqueles transportes limpos e românticos”⁷. Também é nostálgica a lembrança de Bonifácio Fortes. Diz ele “(...) o sentido poético da cidade perdeu em graça, colorido e aquele gosto todo especial que a gente só percebe quando se lembra dos dias tão claros de nossa infância”⁸.

Quanto ao tipo de edição, este trabalho realizado se encaixa no tipo diplomático. Isto é, quando a reprodução do documento é feita de forma integral. “Uma transcrição rigorosamente conservadora de todos os elementos presentes no modelo, tais como sinais abreviativos, sinais de pontuação, paragrafação, translineação, separação vocabular, etc.”⁹.

Os procedimentos realizados para a edição do material seguiram a seguinte ordem: primeiro foi feita a coleta do material em livros e jornais, localizados no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. A segunda foi à organização, por ordem cronológica, dos textos e, por fim, a fiel transcrição dos documentos.

⁷ MELINS, Murilo. **Aracaju romântica que vi e vivi**. 3º. ed. Aracaju: Unit, 2007; pg. 201.

⁸ FORTES, Bonifácio. Os Bondinhos. *Sergipe-Jornal*. Aracaju, nº 12.477, 24 de mai de 1950. p. 04.

⁹ CAMBRAIA, César Nardelli. Tipos de Edição. **Introdução à Crítica Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

**O Bonde na Literatura Sergipana:
A Antologia**

Documento 1: No Bond

Querem saber com certeza	Cortez se taça mostrar
O que vim aqui fazer?...	Em ensinar a velhusca
De certo não foi massal-os	Como se deve... trepar.
Isto juro, podem crer	
Venho contar não somente	Qualquer pelintra querendo
O que soffre um condutor	Uma passagem eugulir
No desempenho do cargo	Pergunta com a cara dora:
Sem fazer nenhum favor.	Conductor já vai partir?
	Ao nosso signal se trepa
N'um Bond cheio de gente	Com a maior descarção...
Faço a cobrança geral,	Mas quando o cobre pedimos
Destaco coupões a uía	Nos responde alevantado:
Quando me surge o fiscal	Conductor, não seja ouzado
Tomando no assentamento	Deixe de amollegação!
Depois de varias contagens	
Sempre nos diz: Conductor;	Não causa espanto o ditado
Olhe, faltam trez passagens.	Em toda parte se emprega
	E mesmo ao nosso gerente
Não é só, qualquer velhusca	Chamam... doutor <i>isso mesmo</i> .
Quando lhe dá na ideia	
Manda parar de Palacio	Dão-nos sempre de proposito
O bond lá na Cadeia.	Três dobrões de dois vintens...
Inda é preciso que a gente	- Seu Laffaette pergunta:

- Conductor, cobre não tens?

E como não demos troco

Por não termos com franqueza

Vão dizer por toda parte:

- Amollegou com certeza.

Não posso mais esta vida

Muita desventura esconde

Pois isso não quero ser

Conductor, jamais de bond.

Vou entregar o apito

Saccola, coupões e prego

E com o doutor Venancio

Renovamente me emprego.

Documento 2: Piparotes

Engasgado traz antonte,	Quando menos se esperava
Na rua de Itabaiana,	Um <i>jones</i> apareceu,
Encontrava-se um <i>bondão</i>	Que é isto, meus rapazes!
Da <i>bôa</i> dona ÉTÉANA!...	O que foi que aconteceu?
Trepados por sobre <i>o cujo</i> ,	- O bonde pulou da linha,
Os pobres dos conductores,	E o arco se arreventou!..
Gritavam desesperados:	Vosmecê seu <i>jone</i> , vá
Que bondes <i>encreadores</i> !	Chamar seu <i>jone doutor</i> !...

E bem perto da <i>marmota</i> ,	E o povo sacode a peia...
Reuniu-se o povaréo..	- ESSAEMPRESA TEM
Queremos fazer da <i>dita</i> ...	AREIA!...
Procissão de fogaréo!...	Leo.

Documento 3: Os Corumbas

(...) Logo depois do almoço ele chegava. Caçulinha o esperava toda pronta, como se fosse sair para um passeio. Sentavam-se na sala da frente, um defronte do outro, e ficavam, ora comendo guloseimas, que ele trazia, ora fazendo chiste e conversando. Às vezes, distraíam-se, ele, a declamar versos de Vicente de Carvalho e de Bilac; ela, cantando modinhas e canções, na sua voz, que embora de registro pouco extenso, era de timbre harmonioso.

Quando o sol descambava, trazendo sombra para a rua, punham as cadeiras para fora e ali permaneciam, olhando os transeuntes, os bondes que passavam, apinhados de gente, até o escurecer.

(...) De outras feitas, nas lindas tardes de sol, combinavam passeios pela cidade, em companhia de Mimosa e Casimiro. Iam cedo. Enquanto a música não vinha para o coreto da Praça do Palácio, andavam, de bonde em bonde, percorrendo as linhas da Fundação, da Rua do Siriri, do Matadouro. À noite, ficavam ouvindo a retreta até bem tarde, ou iam assistir a uma sessão de cinema. (...)

TRINTA E QUATRO

Passearam pela cidade a tarde inteira. E como a noite tivesse descido fresca e cheia de estrelas, deixaram-se ficar na Praça do Palácio, ouvindo a retreta, até bem tarde.

O bonde que tomaram, às dez e pouco, vinha tão apinhado de gente, que não dispuseram de lugar para sentar-se. Mas, na curva da Boa Viagem, quase todo o mundo saltou. Ficou apenas, nos dois bancos da frente, um grupo de moças e rapazes, que cochichavam e riam alto. (...)

(...) - Vamos descer todos aqui?

Mas juntamente nesse instante o veículo parava. Era Albertina que descia, a vista baixa, lívida, ela também, de sofrimento e de vergonha.

Entre risadas, seus companheiros de passeio protestavam. Um deles gracejou:

- Ficar aqui, até que o bonde volte!... Mas está doida, com certeza... (...)

TRINTA E CINCO

(...) - Repara nada, Caçulinha... Você também é uma tola! Nós somos noivos. Quem é que vai falar por isso?... Mas, se você quer ir, vamos.

Foram esperar o bonde na Praça do Palácio.

Passou um, outro, e mais outro, com destino a S. Antônio. Tão cheios iam, porém, que nem paravam ao sinal que eles faziam.

O relógio de S. Salvador badalou as onze horas. Caçulinha, já nervosa, alvitrou que seguissem mesmo a pé. Mas justamente nessa hora parava em frente deles um bonde do Bairro Industrial. Tomaram-no, às carreiras, para não perderem o lugar vago.

Desceram perto das Fábricas de Tecido. Uma ponta de luar, que já morria, deixava a terra em meia sombra.

E eles foram pelo comprido Aterro em fora... (...)

(...) Vendo-a no mesmo bonde, em que acabava de subir, Sargento Zeca surpreendeu-se. E perguntou:

- O quê! Você está aí? Pra onde vai?

- Vou fazer umas comprinhas. (...)

- Ah!... E eu que já estava me esquecendo... Tenho de passar ainda na Rua do Arauá. Vou buscar uns bicos e uns bordados que encomendei a D. Branca.

- Pois vamos... Mas é longe! Não acha melhor tomar o bonde? (...)

Ficaram em casa da bordadeira apenas uns minutos e logo regressaram, para alcançar a volta do veículo. Como, porém, este tardasse, foram andando lentamente, a conversar, até a Rua da Estância. Aí, Sargento Zeca parou e disse para a noiva: (...).

Documento 4: Os bondinhos

Os pontos de referência no roteiro turístico de nossa cidade estão transtornados. O progresso chega até Aracaju unilateral senão artificialmente. A verdade é que os marcos paisagísticos de nossa terra desapareceram e, quando não, estão subvertidos em sua norma comum tal como se houvesse acontecido uma chuva inclemente que a tudo modificasse. Por isso, o sentido poético da cidade perdeu sua graça, colorido e aquele gôsto todo especial que a gente só percebe quando se lembra dos dias tão claros de nossa infância.

Talvez tenham minha idade os heroicos bondes da antiga ETEA, que possuía time de futebol inscrito na Liga Sergipana de Esportes Terrestres. E com o mesmo ruído, o mesmo chiar saudoso nas curvas pouco oleadas e aquela indefectível lentidão continuavam a trafegar nas ruas aracajuanas.

Heroicos bondinhos de Aracaju menos privilegiados que os das cidades grandes, os que descansam horas por dia, que são renovados no seu maquinário. Eram dez, de fabricação da Siemens Shukets S. A., do Rhur alemão. Dez bondes numa cidade de 35 mil habitantes naquela época antes de trinta. Talvez tivessem horário, é fácil que (____) poucos esperados. Heroicos bondinhos de Aracaju, infatigáveis veículos que giravam desde as seis horas da manhã até as 11 da noite, quase sem paradas, subindo a poeirenta rua do Bomfim ou as constantes arêias da Pedro Calasans.

Mudaram apenas a côr nestes vintes e tantos anos de trabalho. Eram amarelos, lembro-me bem os primeiros anos do meu entendimento, depois os pintaram de um cinzento feio mas econômico, de verde na verde época de trinta e seis, para depois voltarem a um amarelo neutro que seria substituído por verde. Mas a individualidade dos bondinhos perdurou, muito intocável e muito superior como um patrimônio bem querido desta cidade triste. O aracajuano ama os bondinhos, no que eles têm de mais pitoresco, no que eles oferecem de mais anedótico, no seu próprio desconforto e vareza.

Não falo desta geração de pipocas e boleros, desta geração que não conheceu a (____) nem os pulos de trampolim da rua de Maruim, nem a matinée de duas horas do Guarany, os campeonatos sensacionais de botão, ou o futebol viril e entusiástico dos Osias, Zeca Tennis Antran, Américo e Dedeu. Mas ainda há dias o célebre e provinciano passeio de bonde numa cidade sem diversões constituía um acontecimento agradável, um sucesso domingueiro. O do bairro industrial era o preferido, talvez pelo aroma todo diferente do alcatrão que tingia o rio de uma cor escura ou então pelas redes estendidas na praia como um cortinado constante à sombra dos (____). Certamente iriam marinete para a zona. Mas não perdurará a graça do passeio do bondinho, os fícus roçando o veículo e aquela calma boa entre os cajueiros no fim da linha, quando os bancos e o arco são mudados para a viagem de volta.

Aposentaram os bondinhos de Aracaju. Não podemos dizer que compulsória que não somos técnicos nem administradores. Limitemo-nos a chamar de triste aposentadoria. Restou o do Bairro Industrial mas este mesmo condenado está à inatividade. Foi-se há muito tempo e Estrada de Ferro, Circular e Siqueira Campos. Agora desapareceu o Santo Antônio, 18 do Forte.

Daqui há semanas ou meses restará em Aracaju apenas os trilhos dos seus dez heroicos bondinhos, constante caminho de incansáveis jornadas a servir um povo, um pobre povo.

Os trilhos e o anedotário dos bondinhos que mais pareciam caixas de fósforos com rodas. Não vem que eram altos e finos – que bondes de Capital de Estado, mesmo que fosse a de Sergipe, pobre Sergipe esquecido e infeliz... Ficarà a história falsa mas deliciosa do camarada que mandava o bonde esperar para terminar a barba e aquela outra que toca os corações de nós jovens que namoramos em bairro distantes. O bonde dos namorados às nove e meia...

Aí estão os gostosões, rápidos e modernos, mas onibus...

Salve eles, porque se não existissem teríamos mesmo irmos no “onze”, número que não existia de bondes, salvo quando havia os dois reboques, que, de fato, não demoraram muito...

Documento 5: O Bonde

Na terra dos inteligentes, bonde de burros. O elétrico, só no Governo Graco Cardoso, anos e anos depois, os Amados já na Bahia. O de tração animal começou em 1907, na presidência de Guilherme Campos, o que foi deposto e em seguida resposto. Já o encontrei em Aracaju e foi ali um dos meus deslumbramentos. A qualificação há de parecer excessiva, mas quem é pequeno agradece as coisas. E aquele bondezinho me maravilhou.

Maravilhou e deliciou. Puxado por uma parelha de burros, com cinco bancos, podia transportar vinte passageiros sentados. Alguns outros, de pé, na plataforma. E lá ia ele da Fundação, perto da foz, até Chica Chaves, o bairrozinho industrial. Mas não ia direto e sim dando voltas, bailando por Aracaju. Baile em câmara lenta. Os dois burros sofriam nas horas do bonde cheio. E freqüentemente empacavam, deitando-se nos trilhos, em protesto. O homem na boléia (chamava-se condutor) metia o chicote, inutilmente. Como ninguém tinha pressa em Aracaju, os passageiros desciam, divertindo-se mais do que se zangando com a interrupção da viagem. Afinal, os burros, bastante repousados, se erguiam e eis o bondezinho de novo na cadência do trote.

Contudo, o que mais me encantou não foi viajar no bonde comum e sim ver aquele em que mais viajei – o bonde com denominação de “especial”. Não era para mim, nem para qualquer aracajuano, infantil ou adulto. Era o bonde especialíssimo do Presidente, que, em noites de verão, nele passeava com algumas excelências da sua roda. Sem os bancos duros do bonde plebeu, tinha jeito de um pequeno salão, paródia de carro *pullman*, com poltronas de vime e iluminação que me parecia feérica. Dava gosto olhar. Dava também inveja. Que beleza!

Já vivi bastante para ver em cinema o coche real da Inglaterra na cerimônia de três coroações, a de Eduardo VIII, a de Jorge VI e a da Rainha Elizabeth. Que pompa!

Que riqueza, realçada por séculos de tradição! E toda vez que assisti, reproduzida na tela, à passagem do coche real, nunca me faltou um sorriso. Com a opulência dos ornatos em ouro, com o prestígio da História, o coche real me parecia inferior ao bonde “especial” de Aracaju.

Documento 6: Crônica

Os bondinhos de burro... – que
poesia!...

“Fundição”, “Santo Antônio”,
“Circular”...

Tempo feliz aquele! não havia
Essa pressa da hora de chegar!...

Mesmo porque, - ao sol do meio-
dia,

À tarde, ou à noite, a passo
regular, -

Sem maiores dispêndios de
energia,

Se ía e vinha de qualquer lugar!

Mas a cidade, aos poucos, foi
crescendo...

Transpondo as dunas, apicuns
vencendo,

Tornando imprescindível a
condução.

E em consequência, pelas
mesmas ruas,

Que ao tempo do bondinho eram
tão nuas...

Não mais aquela placidez de
então!

Documento 7: O Último Bonde

Do bonde, o liso banco
envernizado,

Amplo, seguro, por assim dizer;

A curto prazo e sem maior
cuidado...

Usá-lo, deixe lá! – era um lazer.

Coletivo transporte higienizado;

De livre acesso e fácil de descer.

À noite, como sempre,
iluminado,

Se fazia, de longe, aparecer...

O último bonde, como era
chamado.

Vinha de Santo Antônio,
acelerado,

Fazendo a volta pela Fundação;

Rua da Frente, Aterro do Tecido,

Em busca do repouso merecido,

Depois de percorrer léguas de
chão.

Documento 8: Roteiro de Aracaju

Os Transportes

Aracaju, cidade moderna, quase não viu o desfilar dos coches, dos tálburis e das carruagens. Veio, depois, o bonde de burro, leve, pequeno, pitoresco. Foi inaugurado no Governo de Guilherme Campos. A primeira linha de bonde de burro começava na Cadeia Velha (hoje Palácio Serigy) e terminava no Trapiche Aurora. Os bondes eram puxados por dois burros, tinham cinco bancos e comportavam, apenas, vinte passageiros. Passeios adoráveis! O bonde lotado seguia, aos trambolhões, o seu destino.

Subitamente os burros empacavam, deitavam-se nos trilhos, faziam greve pacífica e não havia chicote que os arredasse dali. Então os passageiros desciam e apreciavam, entre divertidos e contrariados, a luta do boleeiro (o homem que conduzia o bonde, homem da boléia) para “convencer” os animais de sua obrigação de puxar o veículo, a “viatura”, como diria um clássico da terra, advogado e professor de latim.

Viajar nos elétricos da Cidade de Aracaju, amiga, pode ser divertido ou enervante. Se você estiver sem pressa, desejando, apenas, matar o tempo, dê um passeio ao Bairro do Aribé, veja a grande feira do sábado, ou dê um passeio ao 18 do Forte, contemple o majestoso quartel da guarnição federal, lá em cima, ou admire o ingente esforço das lavadeiras, cá em baixo. Mas se você estiver com hora marcada para um negócio qualquer, então, é melhor viajar de automóvel ou mesmo a pé. Nunca imaginei sabe o que pode acontecer a um bonde da Cidade de Aracaju. Já não quero falar do horário. Mas das encrencas, da falta de energia, da mudança súbita de itinerário. Os bondes têm, entre outros, os seguintes dísticos: “Santo Antônio”, “Bairro Industrial”, “Circular”, “Hospital de Cirurgia” e “Bairro Siqueira Campos”. Os ônibus e as lotações auxiliam os bondes vagarosos, esses bondes que param ali porque faltou energia, que

param acolá porque arreventou uma peça qualquer. Mesmo assim os bondes andam superlotados, gente em todos os lugares, pendurada dos lados, gente equilibrada, atrás, sobre o dorso do engate.

Os bairros

Os principais bairros da cidade são cinco: Bairro Industrial, Bairro 18 do Forte, Bairro Siqueira Campos, Bairro Santo Antônio e Bairro América.

O Bairro Industrial (antigamente chamado Chica Chaves e primitivamente conhecido com o nome de Maçaranduba) é o bairro mais romântico da Cidade de Aracaju. Pode não parecer, mas é. Bairro humilde, bairro proletário, bairro de gente podre. Pela manhã longos apitos chamam os operários para o trabalho. E as ruas se enchem de homens e mulheres a caminho das fábricas enormes. À tarde saem os operários, em bandos, uma confusão de cores berrantes compondo uma tela bonita, encharcada de vida e de colorido. À noite, todavia, o encanto do Bairro Industrial é maior. Há uma paz imensa em todas as coisas. As chaminés, como orelhas fitas, “escutam o silêncio das alturas”. Na praia os saveiros estão ancorados, pendidos para um lado, como grandes monstros marinhos dormitando o luar. Longe, em meio das águas, há sempre uma canoa que passa, vela enfunada, luzes apagadas na esteira de prata. Para que outra luz se há uma lua imensa no céu azul? Uma lua que enche tudo de poesia, tudo de esperança? Por isso a canoa passa assim, luzes apagadas, pelas estradas das águas quietas. Nessas águas, navegavam, outrora, os saveiros de Coreba, Zé Menino, Mané Brasil e Zé de Quintina, como a esquerda veleira de Bastos Coelho. E nessas noites quentes, de um misterioso langor tropical, há sempre uma canção distante que nos chega aos ouvidos. São notas de violões, farrapos musicais, trechos de canções perdidas. E o poeta, o que sabe sentir a beleza das coisas, a doçura das coisas, quase sempre volta com um poema bonito dentro do coração. Às vezes ele escreve o poema e o publica nos jornais. Recebe, então, abraços e elogios.

Outras vezes ele guarda consigo aquela poesia, aquele motivo de poesia. É no Bairro Industrial que transita o bonde dos namorados. Bairro de operário atrai, à noite, grande número de rapazes. O Bonde dos Namorados é precisamente o bonde das 22 horas, o bonde que vai para a cidade. Às 22 horas, lá no fim de linha, o condutor vira os bancos. O bonde vem vindo, vem vindo, em sua última viagem para o centro da cidade. De repente o bonde encrenca, o que sempre acontece. Demora pouco, mas depois segue. Lá vem ele dançando, dançando, equilibrado nos trilhos milagrosos. Aí o primeiro namorado toma o bonde. É o Vasconcelos. Adiante, no ponto seguinte, outro namorado, é o Armando. E o bonde vem vindo. A brisa marinha enche as narinas dos namorados, os pulmões dos namorados. Muita vez falta troco e um namorado fica devendo. Não faz mal. O condutor tem confiança porque sabe que todas as noites ele voltará naquele bonde. Mais adiante é Neto, é Walter, é Armando da Farmácia, sou eu próprio, é mais meia dúzia de namorados. E o bonde segue dançando, aterro afora, ruma da cidade, cheio de namorados, exclusivamente de namorados.

Documento 9: Aracaju romântica que vi e vivi

Bondes

Nossa Cidade até o início dos anos 50 era servida por bondes elétricos de procedência alemã. Eram pequenos, vagarosos e abertos em ambos os lados. O acesso ao transporte se dava através de dois estribos de cada lado e por toda sua extensão. A parte interior, continha 7 bancos que tinham capacidade de acomodar 35 passageiros, e em pé nos degraus, viajavam até 65 passageiros, seguros aos pingentes. Quando o bonde trafegava, suspendiam os estribos do lado direito e estendiam-se um varão, para evitar que passageiros viajassem na contramão, ou que subisse e descessem perigosamente.

O transporte era dirigido pelo motorneiro que, uniformizado, ostentava no seu quepe uma placa dourada, com nome de sua função. Trabalhava de pé, em frente a uma grande caixa cilíndrica de metal, contendo um motor elétrico. Na sua parte superior, existia um disco de cobre com contatos em relevo com os números de 0 a 9, acessados por uma manivela que, ao girar, fazia acionar o motor, imprimindo velocidade conforme a numeração. O freio também se dava através de uma enorme manivela girada pelo motorneiro. Com um dos pés ele tocava uma campainha estridente, chamando a atenção dos passageiros que se encontravam no *ponto de parada* ou alertando transeuntes distraídos.

A energia chegava ao bonde através de um arco preso ao seu teto que encostava a um cabo de força suspenso e apoiado em braços pendentes dos postes de ferro estendidos por todo o percurso.

Além de motorneiro, o bondinho tinha em sua tripulação o condutor, também uniformizado e identificado, portando uma capanga de couro, a tiracolo que tinha como função cobrar passagens e registrar o número de passageiros em um contador

mecânico. Durante o trajeto, o fiscal itinerante subia o bonde, anotava em uma prancheta os dados do contador, zerava o aparelho, desponjava, e ia fiscalizar outro bonde. Os condutores arrumavam as cédulas entre os dedos e o dinheiro de metal era empilhado na palma de uma das mãos. Ao abrir e fechar a mão, as moedas faziam aquele barulhinho metálico chamando a atenção dos passageiros, (um sinal de cobrança de passagem). Conheci um desses condutores que, embora os bondes já tivessem saído de circulação há muito anos, andava pelas ruas abrindo e fechando inconsciente a mão que ele tanto utilizou no exercício da profissão.

No tempo em que a energia elétrica era gerada por motor a óleo e dotado de grande volante, eixos e tantas engrenagens, esses sempre quebravam, provocando falta de energia para movimentar os bondes e iluminar a Cidade. Os passageiros mais pacientes ficavam esperando até que a energia chegasse. Outros mais apressados, desciam e iam caminhando para o trabalho ou até suas residências. Houve um tempo em que essas faltas de energias eram constantes e demoradas. Algumas vezes, o Serviço de Tração Elétrica expedia nota, justificando a falta, explicando que o eixo do motor havia quebrado.

Conta-se que um vendedor de quebra-queixo, que era (tato), passando pelo estabelecimento do Diretor da Luz e Força, anunciando seu produto, gritou: “quebra eixo”, omitindo o “Q”, devido à sua deficiência. Funcionários do Diretor levaram o pobre homem à presença do chefe, e depois das devidas explicações ele foi liberado.

A haste que ligava o bonde ao cabo aéreo era amarrada a uma corda que ficava presa na parte posterior do veículo. Em caso de curto circuito, o condutor puxava o cabo interrompendo a conexão, evitando incêndio no motor. Muitas vezes os meninos puxavam a corda fazendo o bonde para, gerando assim transtorno aos passageiros e aborrecimentos aos funcionários.

Era comum subir e descer com o bonde andando. Pongar e despongar de frente e de costas sem segurar no pingente era uma arte. Havia além dos condutores e fiscais que faziam essa maneabilidade, por força do ofício, muitos rapazes que eu subiam e desciam com muita habilidade. Quando alguém com pouca prática tentava e caía, além de sujar ou rasgar a roupa, saía com alguns arranhões, tomava uma vaia dos passageiros e transeuntes.

Quando o passageiro desejava que o bonde parasse em um ponto, puxava um cordão de couro que acionava uma campainha localizada perto do motorneiro. Muitas vezes o bonde parava fora do Ponto, a pedido de senhoras, deficientes e idosos, por delicadeza dos funcionários.

Eram seis as linhas servidas por bondes em Aracaju. Um grande número impresso na frente, uma placa indicativa da linha e uma luz colorida faziam com que de longe o bonde fosse identificado quanto ao seu destino.

Bonde número 1 Luz Azul – *Bairro Industrial*. Ponto de partida: Praia do Tecido ou (Chica Chaves), percorria a avenida Confiança, avenida João Rodrigues, passando pelo centro, entrando na praça Fausto Cardoso, indo pela avenida Ivo do Prado, avenida Augusto Maynard, descendo a rua Itabaiana, em direção à rua João Pessoa e daí ao ponto de origem. No fim de linha, os passageiros desciam, os encostos dos bancos eram invertidos, o aro era puxado em sentido inverso. O motorneiro encaixava a manivela no outro motor que ficava na parte posterior, seguindo agora o seu curso normal. Dezenas de estudantes tagarelas, casais de namorados, moços e idosos faziam habitualmente esse passeio nos fins de tardes e noites quentes de verão.

Bonde número 2 Luz Verde – *Santo Antônio*. Seu percurso iniciava ao pé da ladeira de Santo Antônio, percorrendo ruas do bairro, subia a rua Itabaiana, passava pela

rua Vila Nova, atual (Duque de Caixas), descia pela avenida Ivo do Prado, passando pela praça Fausto Cardoso, rua João Pessoa, avenida Coelho e Campos, avenida João Ribeiro, em direção ao Santo Antônio. Esse também era um passeio agradável e concorrido, principalmente na época dos festejos juninos.

Bonde número 3 Luz Vermelha – *Aribé*. Esse trafegava pelas principais ruas do atual Siqueira Campos.

Bonde número 4 Luz Amarela – *18 do Forte*. Servia as ruas que demandavam àquele bairro.

Bonde número 5 Luz Branca – *Circular*. Subia rua Laranjeiras, passava pela avenida Pedro Calazans, praça da Bandeira, descendo pela avenida Barão de Maruim, passando pela rua Arauá, até o ponto de início. Essa linha servia aos moradores dos bairros Cirurgia, Caixa D'água, Carro Quebrado, e levava muita gente ao Cinema Guarany e aos circos armados na praça da Bandeira.

Registramos aqui uma nota curiosa sobre o bonde Circular:

Um diretor do Serviço de Luz e Força de Aracaju fez mudar o itinerário do bonde N 5, para que pudesse passar à porta da casa de sua amada. O bonde que costumeiramente percorria a Avenida Pedro Calazans até a Praça da Bandeira, passou a trafegar pela Rua de Estância, N. S. das Dores, descendo pela Avenida Desembargador Maynard, praça da Bandeira e Avenida Barão de Maruim.

Muitas críticas foram feitas por adversários políticos do romântico Diretor. Ele se defendendo, alegou que mudou o trajeto para que o bonde passasse em frente ao Hospital de Cirurgia. Explicação que a ninguém convenceu.

Bonde número 6 – *Joaquim Inácio*. Servia a algumas ruas do centro da Cidade e do bairro 18 do Forte.

Nossas homenagens aos condutores, motorneiros fiscais e limpadores de trilhos dos velhos bondes de Aracaju: Zepelin, Alfredo, Enéias, Enock Menezes, Cláudio, Moisés, (Major), Chico Safado, Zé das Bananas, Morais, Antônio Vasconcelos, Pedro Maninho, Pedro Boca e tantos outros.

Quando desativaram os bondes e tiraram seus trilhos, a Cidade ficou mais triste. As ruas por onde outrora passavam aquelas paralelas de ferro brilhando à luz do sol, viam agora seus leitos rasgados e sem brilho, deixando apenas boas recordação daqueles transportes limpos e românticos.

De bonde para o Bairro Industrial

(Um passeio nostálgico)

Ivan, vamos dar um passeio de bonde?

De bonde, Murillo?

E por que não? Você perdeu a imaginação?

Vamos ao Bairro Industrial no bonde da linha Número 1.

Embarcamos aqui no Centro, na esquina da Sorveteria Primavera, inicialmente em busca da zona sul, passamos pela praça Fausto Cardoso, olhando o Palácio do Governo, a Assembleia Legislativa, dobramos a praça no “Rubina Hotel e depois o Hotel “Sul Americano”. Avistamos a Ponte do Imperador e viramos em busca da Rua da Frente. Nela seguimos olhando o Rio Sergipe de um lado. Do outro, as construções do Velho Atheneu Sergipense, a Saboaria Aurora, o Entrepasto do algodão, o Grupo Escolar “Barão de Maruim, a Vila Carmem, a Capitania dos Portos, o Palacete dos Rolemberg, o Tabuleiro da Baiana, o Clube Esportivo Sergipe; encontramos à esquerda o Cotinguiba Esporte Clube, seguimos pela avenida Augusto Maynard, entramos na praça Tobias Barreto, passamos pela Chefatura de Polícia, descemos a rua Itabaiana, atravessamos o Parque

onde estão o Aquário Municipal, Tesouro do Estado, O “Cacique” e o “Ao Preço Fixo”. Continuamos pela Rua Itabaianinha até o seu final. Atravessamos a avenida Coelho e Campos, avistamos a Velha Estação da Leste, seguimos em frente pela avenida João Rodrigues e, aí sim, estaremos entrando no Bairro Industrial. Avistamos aquele aterro inicial, cruzamos a Ponte do Tecido, passamos pela Fábrica “Sergipe Industrial” que vai está a nossa direita. À nossa esquerda, pilhas de madeiras que serão transportadas em troles, irão abastecer as caldeiras que alimentam os motores da Fábrica de Tecidos. O SAME está ali escondido servindo aos idosos carentes. Uma grande obra da Igreja Católica, fundada por Dom Fernando Gomes. Adiante um pouco, encontramos uma vila de boas casas ocupadas por operários e seus familiares. No final do casario, uma Capela cujo Padroeiro é São João Batista, sempre bem cuidada e à espera dos fiéis para a Missa Dominical. Vamos em frente, passamos pelo Grupo Escolar “Augusto Ferraz” e aí estava a garagem geral da Companhia de Bondes da cidade, vinculada ao “Serviço de Tração Elétrica de Aracaju”, com sua usina movida a óleo, que fornecia luz para a cidade, e força para movimentar os motores dos bondes. Ali, hoje funciona uma das dependências da UNIT. Um excelente centro de fisioterapia onde professores, alunos e pacientes interagem, aliviando dores e devolvendo movimentos aos corpos acometidos por várias doenças motoras, paralisias de várias etiologias. O bonde prossegue em sua caminhada vagarosa e agradável. Chegamos ao final da avenida João Rodrigues, vamos dobrar à direita. Do lado esquerdo, ainda está bem firme a casa que por muitos anos abrigou a professora Pocidônia Bragança e seu irmão, Mons. Dr. Alberto Bragança, professor ilustre e advogado que atuava de modo brilhante no fórum sergipano. Nosso bonde segue agora rumo à avenida General Calazans. Em um trecho amplo, roda paralela à Fábrica Confiança, ouvimos o barulho dos motores que impulsionam as tagarelas lançadeiras e sentimos aquele cheirinho de algodão, característico das fábricas têxteis. É o reduto

tradicional da antiga Empresa Ribeiro Chaves & Cia., que teve à frente por muitos anos o grande administrador, Dr. Joaquim Ribeiro. Passado este trecho, dobramos à esquerda e seguimos até a avenida General Calazans em direção à velha construção da “Chica Chaves”, ponto final da linha do bonde, que abriga hoje o Seminário Menor Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus.

Olhando aquela praia, vimos algumas canoas ancoradas e pescadores consertando as velhas “rede de arrasto”, que, em nossas divagação, lembramos de quando aquele recanto bucólico recebia aos domingos e feriados centenas de pessoas que iam se banhar nas águas limpas do Rio Sergipe. Recordamos também dos antigos moradores que povoaram o Bairro Industrial, tais como: Dr. Alberto Bragança, Dr. Lourival Bonfim, Antônio Mesquita, Leobaldo Pires, Braúlio Costa, Carlos Loeser, Dr. Joaquim Ribeiro, Renato Nabuco, Sr. Busch, Sr. Luiz Eugênio de Moura, dono do melhor e mais sortido armazém de secos e molhados e pai do nosso amigo Dr. Paulo Moura, que ali passou sua infância e juventude; do querido e respeitado delegado de polícia José Correia de Araujo, o piloto de avião conhecido como Araujinho; do seresteiro Celso Dantas; do Sr. Moisés, motorneiro do “bonde-prancha” e motorista do primeiro carro fúnebre de Aracaju, pai de Geovani, tipo popular conhecido como “Professor Pardal”; de Wilson Moura, ex-operário, líder sindical, vereador e atleta; do conhecido pescador “Carapeba”, pai de Gervásio Santos o (Careca), comunista convicto que iniciou sua militância no Partido Comunista Brasileiro (PCB), espelhando-se nos grandes líderes trabalhadores das fábricas.

Bairro Industrial das célebres e agitadas greves e movimentos políticos dos operários que reivindicavam salários justos e melhores condições de trabalho.

Lembramos também do Cinema do Parque com seus toscos bancos de madeira; do Cine Confiança; do simpático Clube Aracaju, que proporcionava a seus sócios

animados bailes e com regatas, disputava com o Sergipe e Cotinguiba os campeonatos municipais; do primeiro time de futebol do bairro, o da Fábrica Sergipe Industrial com seus atletas: Alumínio e Timbaba; do voleibol com sua principal levantadora, a operária Risolina; da Associação Desportiva Confiança, fundada pelo seu patrono Dr. Joaquim Ribeiro. Dos atletas do “Clube Proletário”, no futebol: Edilberto – Reginaldo – Anastácio – Enock – Bidu – Labodí – Tutu – Sandoval – Paulo Lumumba e Lipíu. Do basquetebol de: Alfredo Souza – Wilson Moura – Bazinho e Zé Mocinha.

Bairro Industrial das Ruas Altamira, Fortaleza, do Cansação, Belém, do Bode, São Luiz, Santa Cruz do Lagamar, do Ouro Preto, do Vai Quem Quer e da famosa Batistinha.

Bairro Industrial das belas operárias que nas festas juninas animavam com suas danças, requebrados e olhares brejeiros, perfumadas com *cheiros baratos* os “Sambas de Roda”, “Samba de Parelha” e o “Samba de Coco”, estalando seus tamancos e despertando olhares lascivos aos homens.

É hora de o “Bonde dos Namorados” voltar. O condutor e o motorneiro viram os bancos e o arco que leva energia para o velho motor “Siemens”. No nosso bodinho rodará em direção ao centro da cidade.

E vamos então descortinar um novo amanhecer para o bairro tão carente de obras, para o conforto e bem estar dos seus moradores e dos que para ali se dirigem. O Bairro industrial começa a receber as benesses da modernidade. Suas ruas e avenidas estão sendo pavimentadas. O Estádio do Confiança vai voltar a viver os grandes dias, e a vida vai ter outro ritmo naquele tradicional bairro, outrora brejeiro, romântico e festeiro.

O nosso bonde vai recolher!

A história volta a fazer parte do nosso passado de boas e doces recordações, mas o presente é mais poderoso e mais pujante.

É a vida no velho Bairro Industrial.

Vamos fazer o retorno de automóvel, meu caro Ivan, pois o *Bonde do Passado* já passou, deixando apenas boas reminiscências.